ANNO I — DOMINGO, 31 DE OUTUBRO DE 1886 — NUMERO 34

O ENTHUSIASTA

JORNAL PARA O POVO

ASSIGNATURA
Guimarães, anno 500
Com estampilha 600

Orgão do Grupo dos Enthusiastas
Publicação semanal

ANNUNCIOS
Por linha 40
Para artistas . . . . . Gratis

Guimarães, 23 de outubro

CONTRADICÇÕES

IX

Vinhamos dizendo que é indispensavel prestar culto ás novas ideas, acompanhar as novas correntes, e dotar Guimarães com as novas instituições que a civilisação actual exige, sem deixar de conservar as que possuimos, venerando as que nos perpetuam a memoria d'antigos feitos, e melhorando as que ainda prestam beneficios em quaesquer relações da nossa vida social.

Ou havemos de progredir, não segundo o nosso arbitrio, mas com movimento pelo menos parallelo ao progresso das outras terras do paiz, ou esta terra ha de definhar, apoucar-se moral e materialmente. Se tivermos a acção acanhada, o animo timido, os planos com curteza, reagindo contra o jorro de luz que nos vem das terras cultas, o que temos avançado em quatro ou seis annos, graças á nova vitalidade vimaranense, será trabalho perdido.

Aproveitamos o ensejo, visto que já fallamos da existencia dos museus da Sociedade Martins Sarmento, para mais uma vez lembrar a esta prestante e já gloriosa corporação, ás benemeritas camara municipal e irmandade de N. S. d'Oliveira, a necessidade de empregarem exforços por conservarem em Guimarães, dentro das suas barreiras, no museu archeologico d'aquella sociedade, ou como e onde melhor entenderem, os preciosissimos objectos que constituem o thesouro de N. S. d' Oliveira.

A *questão de Guimarães*, entre outros beneficios que já produziu, deu logar a que entre as corporações de Guimarães houvesse uma verdadeira federação, mais ou menos pronunciada e expressa, para a consecução d'um grande fim commum.

Não se desista da tentativa; não se oblitere o precedente; e associem-se as corporações, conforme a sua indole, na cooperação d'empresas naturalmente communs.

Para o fim que agora lembramos, parece-nos que as tres indicadas corporações alguma cousa conseguirão se empregarem os exforços devidos.

A archeologia ha muito que é cultivada como sciencia; a archeologia sagrada está despertando os cuidados dos prelados portuguezes, e já se noticiou que o patriarcha de Lisboa vae crear no seminario uma cadeira d'archeologia. Como objectos d'estudo scientifico e artistico, como paginas brilhantes da historia vimaranense, os objectos do thesouro constituem uma riqueza patria, que esta cidade deve conservar a todo o custo, principalmente depois que a Sociedade Martins-Sarmento, sob os conselhos intelligentes e sempre patrioticos do sr. dr Sarmento, metteu hombros á empresa da creação do seu museu.

Se esta cidade, pelas suas corporações competentes, não congregar exforços no sentido que propomos, soffrerá o desgosto, em epocha não mui remota, talvez proxima de ver-se despojada das preciosidades que até agora lhe tem pertencido, em beneficio do museu de Lisboa.

Será difficil a votação d'uma lei que confira á Sociedade Martins-Sarmento a propriedade do thesouro, logo que se extinga a collegiada? Não poderá conseguir-se que n'essa lei se conceda á Sociedade o direito de haver objectos de valor archeologico, malparados por diversas freguezias do concelho, dando ás respectivas corporações objectos de culto, de gosto moderno, e com egual peso em metal?

Offerecemos áquella corporação, especialmente aos dignos directores da Sociedade Martins-Sarmento, e mais especialmente ainda ao intelligente e activo director do museu archeologico, as lembranças que ficam apontadas.

Como já ponderamos, não ha de só exigir-se d'esta ou qualquer outra vereação a responsabilidade pelo retardamento de progressos vimaranenses: esse encargo pesa no mais humilde, como no mais graduado cidadão, na menos opulenta, como na mais poderosa corporação. A vida de cidade offerece a solidariedade de deveres, como de gosos. Se um cidadão não pode ter acção propria, pode lembrar e instar para que outros a desenvolvam em beneficio commum da sua terra.

IMMUNDICIE

O «17 de Julho» não nos tem levado a bem as nossas admoestações, os nossos avisos, as nossas estranhesas ácerca da rua de Relho.

Dão casca, os homens, e enviam-nos as invictivas de recochete, tomando por alvo o «Commercio».

Pois são ingratos.

Sairam da rua de Relho? Fizeram bem.

Foram para a rua dos Palheiros? Fizeram mal.

Uma tinha visinhança perigosa; outra tem tradições *pulverulentas*, de palhuço.

E' isto motivo para azedarem?

Se nós invadissemos a sua vida particular e intima; se quizessemos recordar *periodicos findos;* se tivessemos o máo senso d'alludir a factos intimos de qualquer occasião e de qualquer tempo: os homens graves do «17», que apesar d'isso escrevem versos chôchos; o «17» emproado, que se affirma cheio de si e feliz, teria razão de queixa.

Mas nós já dissemos e repetimos: nunca desceremos á baixesa, á garotice, á cobardia, d'assoalhar factos, verdadeiros ou falsos, de vida privada, e nem sequer de dirigir a menor allusão que possa melindrar, a tal respeito, nenhum concidadão nosso.

Quanto á rua de Relho....quanto á rua dos Palheiros....continuaremos debicando como nos aprouver.

Se não lhes agrada, mudem ainda de rua.

Consideral-os, em tudo, a serio, não podemos.

Pois como havemos nós de tomar a serio as suas bravatas, a intenção com que vieram querer justificar os actos da minoria da commissão de vigilancia, o que importava a censura dos actos da maioria?

Pois vv. ex.as queriam que os outros aguentassem a responsabilidade moral dos seus desatinos?

Pois vv. ex.as queriam que, tendo-se regeitado todos os accordos, todas as transacções, todas as prommessas, no tempo dos regeneradores, o concelho tivesse a falta de brio, praticasse o acto verdadeiramente immundo d'acceitar com os successores as prommessas, os accordos, as transacções?

Então pensavam que se empunharam doutoralmente archotes, que se estudava para escrevinhar nos periodicos, que se estudava para palrar nos comicios, que se estendiam passeios e cortejos ás Taipas e a Vizella, que todos mais ou me-

nos, alguns com sacrificios, faziam despesas do seu bolso, e se distrahiam com prejuizo proprio das suas occupações particulares, para ss. ex.as, que, com rara excepção, presenciaram os touros de palanque, jogarem por fim um pilha tres politico?

Pois v.as ex.as pensavam que o grupo dos Enthusiastas desfraldava a sua bandeira por uma justissima causa; que a commissão de vigilancia arvorava com orgulho a bandeira que as senhoras de Guimarães lhe offereceram, e em que se continha a *affirmação d'intransigencia;* que a Associação Commercial, que a Associação Artistica, que a Sociedade Martins-Sarmento, que a Associação Clerical com a sua mansa e caracteristica adhesão, que o Club Commercial, que as corporações d'operarios, que a Associação de Lavradores—que tudo quanto ha de mais digno, de mais serio, de mais respeitavel em Guimarães affirmaria hoje um sentimento para o desmentir amanhã, affirmaria hoje a sua intransigencia para amanhã transigir, e deixar arrastar pela immundicie das ruas, pelo calvario da irrisão publica o nome de Guimarães, o nome das suas corporações, o nome dos seus habitantes?!

Pois e a limpo, era digno, era brioso confundir a questão de Guimarães e Braga com qualquer irrisoria lucta eleitoral?

Pois era proprio do brio de Guimarães affirmar, n'uma questão seriissima, das mais graves, das mais perigosas que esta terra tem sustentado, a todos os commissarios do governo regenerador, dos *mais altos* poderes do estado então em exercicio: —Guimarães, se se orgulha das suas tradições monarchicas, se se orgulha das suas ideas liberaes, se se orgulha do seu caracter industrial, tem sobre tudo o sentimento da sua dignidade para não transigir, para não aquietar senão com a mudança do districto que nos espesinhou e insultou e logo depois da queda d'esse governo esmorecer como cobarde, e transigir com o partido que fez da questão de Guimarães uma questão vulgar de traça politica, sacrificando a justiça d' um povo, e prejudicando mais rapido movimento para uma reforma indispensavel na organisação administrativa de todo o paiz?!

Senhores escrevinhadores do «17»: pode haver escrevinhadores immundos, mas ha tambem politicos tão cegos que não chegam a ver a immundicie de tal plano, de tal pensamento!

Porque não se satisfiseram com o que estava no animo de todos—acalmar, mas não desistir?

Queriam a comedia, queriam o pilha tres, julgaram-se, pela mutação politica, com o rei na barriga; pensaram que fariam de leões entre ovelhas com as regimentos, o governador militar e a policia de Braga; julgaram que a convicção seria, patriotica, desinteressada da suppressão de districto, manifestada por cidadãos e corporações vimaranenses, se supprimia com as suas graçolas, com as pretenções insulsas de ridicularisar; fiseram a injuria de suppor que Guimarães se vendia por um prato de lentilhas; desviaram-se do unico caminho sensato a seguir para não prejudicar as suas devoções partidarias em organisações futuras; ousaram contrariar as convicções, os sentimentos do seu concelho: agora aguentem sem queixumes estereis, e sem bravatas ridiculas, o peso da responsabilidade que contrahiram.

Conselhos a serio

Passa o....snr. M. de Vallada, que transformou o parlamento....em circo....e expôz a purpura....aos vomitos....

«17 *de Julho*» n.º 23

Quando deparo algum que por capricho
Inimisades descobre, ou põe de môlho,
Não busco de taes casos o *rabicho*,
Pois bem sei que a questão é toda d' olho.

E alguem pode haver que não conheça
Esta verdade, que convencido acôlho?
Será *coisa para dar volta á cabeça*
Conhecer-se o inimigo pelo olho?

Pois para mim, senhores, é mais custoso
Cosinhar *quatro folhas d' um repôlho*,
Que affirmar que ha ahi muito guloso,
Que mira o de Vallada com mau olho.

Mas como a inimisade ó repelente,
Remedio em Talião gostoso eu côlho:
Troquem os rivaes dente per dente,
Vallada e «17» ólho por ôlho.

Nitrato.

Declarações caracteristicas do brio e limpesa progressista

No «17de Julho» declara-se que, visto o concelho não dar os votos aos progressistas, deixa o sexteto de puguar pela avenida, pela contrastaria, etc., etc., e etc.

São ou não briosos os patriotas? E teem ingenuidades! Pois, amigo sexteto, Guimarães, o Guimarães dos couros, não se vende.

VERDADES

O «17 de Julho», orgão do partido progressista da visinha Braga, e dos arranjos de cinco individuos d'esta terra, julga estar fallando na aldêa de Paio Pires. Apparentando interessar-se pelas classes trabalhadoras, impõe, em dictadura saloia, gratidão ao actual governo. De duas uma: ou vivem no reino da lua os seus pintalegretes redactores, ou estão cegos e surdos.

Cegos, que não veem a repulsão geral que vae n'esta terra contra o pronunciar-se sequer o nome progressista. Surdos, que não ouvem o protesto unisono, uniforme, de todas as classes, que clamam contra as ascorosas ideias que tenham por fim obstar ao pagamento d'uma grande divida de gratidão, a quem foi por nós, e só por nós, no memoravel conflicto *bracaro-vimaranense*.

Provocados como somos, e ameaçados ainda que lorpamente pelo «17», não podemos deixar de dizer toda a verdade ao povo, que indignamente tentam explorar.

O «17» diz que o levamos aos comicios, levantando-o do seu trabalho.

E' verdade. Convidamol-o para os comicios, para os protestos, para o levantamento de luva, que cobardamente nos arremessou a *malcreada* Braga, porque nós, que tambem SOMOS FILHOS DO POVO, e sabemos quanto é amargo o pão de cada dia, queriamos que todos juntos aprendessemos a força do nosso valor, e mais e mais nos unissemos na energia do nosso querer.

Então ainda a gentalha do «17» nos applaudia; mas agora que os arranjos lhes sorriem mais que a honra, e não lhes convem estorvos á marcha governativa do *pae Zé*, que lhes dá *sopa*, agora viram-se para o povo, que por momentos teve a ingenuidade de o acreditar, e dizem-lhe:

Que vale a tua dignidade?
Cantar quer hora!

Zic.

—Então como vai, amigo Mendonça? Como está d' essa dôr?

—Esta semana passou-me para as costas, depois para o braço direito, agora tenho-a na perna esquerda...

—Então não tem de que se queixar. A variedade deleita.

REIS...FRESCOS

(Musica da Mascotte)

Aqui estamos, meus senhores,
Vimos-lhe cantar os reis;
E bem sabeis
Quaes elles são;
Uns maganões
De cá...*uns seis.*

Quem diremos nós que viva
P'ra levarmos a vidinha?
Que viva o tal
Estudantinho,
O nosso amigo
O *venturinha.*

Quem diremos nós que viva
N'esta patria sem egual?
Viva o *valente*,
O *destemido*,
O grande *heroe*
De *Portugal.*

Quem diremos nós que viva
Nas folhinhas das cebolas?
Viva o *tagil*...
Qu'eu *reconheço*,
E quiz fazer
Do povo um *bolas.*

(Continua)

Bote-bote.

Na praia:

—O mamá, olhe, acolá n' aquelles penedos, aquelle sujeito... vê?

—Vejo, Mimi; que tem?

—E' o papá do anno passado, pois não é?

OH!...

Então já ha «opposições colligadas»?!

Então os *franquistas*, que denominastes *grupinho*, como quem falla por demais ou por demenos e como cousa de fazer rir as pedras, já teem algum valor? Ou quereis agora emendar a mão, e excluil-o da federação?

E afinam porque lhes dizemos que fazem officio de caranguejo, andando para traz e para diante!

Pois reconhecei, homens, que o grupo, que contém as opiniões mais independentes e livres, é felizmente ainda numeroso n'este concelho.

ELEIÇÕES CAMARARIAS

No dia 14 vae ser eleita a nova vereação.

Os actuaes vereadores devem ser reeleitos, porque satisfizeram a vontade popular nas suas relações com Braga, com a população que depois de nos apedrejar, nos cobriu d'insultos; com o população que nos chamou burros, que nos chamou couros, que nos chamou—coirões.

Os actuaes vereadores devem ainda ser reeleitos; porque são dedicados a Franco Castello Branco, o maior heroe da nossa questão, o filho de Guimarães pela dedicação e pelo sentimento, o inexcedivel deputado, que ha de sem duvida continuar batalhando por tudo quanto interesse a esta terra que elle admira, que elle estima.

Mas as nossas presadas classes populares lembrem-se de que os nossos conselhos tem sido salutares. Nós repetidas vezes dissemos aqui e nos comicios: com ordem e persistencia, venceremos; com desordem, por maior que seja a justiça da nossa causa, nada conseguiremos, e os regimentos esmagar-nos-hão.

Repetimos o conselho: ordem, respeito pela liberdade da urna.

Não será por arruaças, por manifestações mais ou menos ruidosas, que a eleição se ha de vencer em beneficio do partido de Guimarães; e basta o prazer do triumpho para lição dos adversarios.

A nossa divisa é pois esta, como tem sido sempre: ordem, persistencia, brio!

E se alguma authoridade, qualquer funccionario ou cidadão pretender violentar-vos a votar contra a vossa vontade, recorrei a nós, que vos defenderemos.

REMOQUE

Mas a avenida, meus senhores?

Não querem que a dicta supprima a rua de Relho?

Querem que este becco do nascedouro do «17» se conserve ad perpetum, como pia de baptismo?

Mas para que annunciaram estudos, bandeirolas, jallões, fitas metricas, alviões, enxadões, carrões, expropriações?

E as casas do Zé?

E do Zé as casas?

E os serviços *desinteressados* do sr. capitão Machado?....

Oh, gentes!

ELLES

Elles gritam que os querem desacreditar.

Lérias!

Desde que desertaram da commissão de vigilancia, desde que quizeram abafar a maioria, desde que praticaram os desatinos já sabidos: a sua justificação importava a censura e o descredito da maioria da commissão, de todas as corporações e grupos patrioticos.

Isto é que não podia ser.

Morrer por morrer, os contrarios sempre.

Alem d'isso, se os deixassemos á solta na pratica de desacertos, nem como veio se conquistaria a autonomia.

Mas s. exc.as já denunciam symptomas d'hydrophobia. Pasteur com elles os solidarios nos despauterios do «17»!

Lembramos

Ja se acha em terras portuguezas o grande e benemerito portuguez da colonia brasileira, o snr. conde de S. Salvador de Mathosinhos.

Lembramos á illustre commissão do monumento a D. Affonso Henriques a necessidade de felicital-o pessoalmente por uma subcommissão, ou pelo menos por mensagem escripta.

PERFIS

UM AMIGO NERVOSO

Homem de largas ideas!
Foje do socialismo,
Mas defende o communismo,
Quando vê caixas alheias.
Toma rapè ás mãos cheias,
Se acaso alguem lh'o offerece,
Mas quasi sempre lhe esquece
A caixinha do seu uso,
Por causa de certo abuso
D'uns dedos que elle conhece.

E' fino que nem um alho
Sobre questões economicas,
Mas tem ideas platonicas
A respeito do trabalho;
Tem a certeza do malho
Quando bate na questão
Das artes sem protecção
E tambem do livre cambio,
Mas, em vendo dôce, lambe-o
Sem dar por elle um limão.

Vae fazendo propaganda
Das ideas que professa,
Mas quem ao vivo lh'as peça
Leva logo uma desanda,
Que fica de cara á banda
Até que leve segunda;
Tem uma voz furibunda
Contra as velhas; faz-lhes troça;
Mas, se encontra qualquer moça,
Falla-lhe com voz jucunda.

Nunca do justo se aparta,
E'—pão, pão, e queijo, queijo—
Mas o seu maior desejo
E' ser elle quem o parta.
Quer vêr a pobreza farta,
Bem empregada a riqueza,
E por isso não despreza
A occasião de vender
O milho, quando mais der,
Em attenção á pobreza.

Quer liberdade de imprensa,
A lei das rolhas condemna,
Mas nunca pega na penna
Para dizer o que pensa:
Não quer vêr em desavença
As ideas com os factos;
Odeia os jornaes pacatos,
Os serios... acha-os carinhos,
Mas em casa dos visinhos
Acha-os a todos baratos.

Não é muito fallador,
Mas o que pensa não cala,
E tão livremente falla,
Que de si não é senhor;
Será livre pensador,
Pelo que dos outros pensa;
Berra sem pedir licença,
Corta a torto e a direito,
Mas, fallando a seu respeito,
Só não diz bem da doença.

Diz-nos sempre que está mal,
Que soffre muito, que soffre...
Mas, se lhe pedem enxofre
Para as uvas do quintal,
Diz que não dá nem real,
Sem as vêr crescer primeiro:
Que não gasta o seu dinheiro
Na cura incerta das uvas,
Para o não ver feito luvas
Nas mãos do seu jardineiro.

Como com isto argumento
Para a incerteza da cura
Da doença que o tortura,
Cada vez mais renitente,
Acho muito concludente
Que elle não gaste vintem
Com a molestia que tem
De nervos, ou o quer que seja,
Sem que ella melhor se veja,
Como a das uvas tambem.

Tem d'estas cousas, parece
Que n'isto se contradiz;
Mas sabem o que elle diz?
Responde que bem conhece
Que a molestia, que padece,
Em razão de ser nervosa,
E' muito mysteriosa,
E que, n'isto de mysterios,
Dos argumentos mais serios...
Só certeza duvidosa.

Não dá seu braço a torcer;
Nem o diabo lh'o torce!
Por mais que a gente se esforce,
Não torce nada, não quer;
Mas, se alguem lh'o quizer vêr,
Não torcido, mas dobrado,
Isso, até sem ser rogado,
Elle faz a toda a gente,
Dobrando conjuntamente
O seu pulso não cançado.

Tem uma logica assim!
De ferro, dura, cortante;
Mais pezada que um montante,
Fina como um espadim!
Não leva as questões ao fim,
Atira-lhes á cabeça;
Mas, se alguma recomeça,
Não lhe consente respiro,
Prega-lhe logo o seu tiro,
Mas tiro que nem de peça.

(Continua).

F. C.

BOA COMPARAÇÃO

Diz um artista d'esta cidade, o snr. José Pedro:—Os homens, que intentavam comprar-nos com as bandeirolas dos estudos d'avenida, supposeram que nós estavamos um quasi nada superiores aos pretos d'Africa, que se avassallam e vendem por....carapuças vermelhas.

Com razão: uma avenida, duas, dez, não valem a dignidade e brio vimaranense.

Mais do que avenidas, se nos propoz no tempo dos regeneradores—a prolongação do caminho de ferro; e nós, os «couros», os «maltrapilhos» d'este concelho, não nos vendemos.

Por isso o nosso deputado affirmou muito bem: *Guimarães não se vende!*

Contos largos

Esfalfa-se o «17» (dezasete, nove fora, seis) a impingir ao povo umas tretas que não pegam por serem demasiado chôchas e mentirosas.

O povo ri-se e nós a rir vamos registando uma serie de insinuações malevolas que o «17» vai desaforadamente atirando ao nosso digno deputado.

A rir justaremos contas.

Pelos modos, a mudança de casa e visinhança deu ao «17» novas manhas sem apear as antigas. Com a liberdade de gestos e palavras adquiridas em Relho, foi em busca de sitio onde a má lingua de soalheiro se exercesse á farta.

Acertou, e, como no logar queira exercer soberania, acolheu-se ao celeberrimo solar da celeberrima *Figueira*.

Refez-se, tomou largo folego de quem se prepara para jogar as ultimas, e n'um desaforo inaudito vai atirando lama aquem encheu de babugem.

Mas o que sobretudo tem graça são as lerias que dirige ao povo. O povo nosso irmão...o povo, o nobre povo, o povo para aqui, o povo para ali...uma ladainha que está messmo a pedir *ora pro nobis*.

Não péga. O povo quer-se com quem se entenda.

ERRATA

No primeiro artigo do numero passado, onde se lê: beneficencia popular, leia-se: beneficencia pupillar; onde se lê: agora que contrae, leia-se: que contrae agora; onde se lê: inveja da commodidade, leia-se: invejavel commodidade.

ABELHA

(Abecedario com mais de dusentos desenhos de lettras e debuxos para bordar)

PREÇO 1:000 reis

Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a

Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cégo, n.º 15, á Praça das Flores.

LISBOA

CLINICA DE CREANÇAS

SOUSA CHRISTINO

MEDICO MILITAR

16—RUA NOVA DO COMMERCIO—16

Consultas nos dias uteis, das 8 ás 10 da manhã.

PHOTOGRAPHIA E PINTURA

GUIMARÃES

63—RUA DE SANTA MARIA—63

N'este antigo e acreditado estabelecimento continua-se a tirar retratos pelos ultimos e mais aperfeiçoa dos processos, desde a miniatura até ao tamanho natural, todos os dias, seja qual fôr o tempo, e às horas proprias d'estes trabalhos; sendo os seus preços relativamente baratos.

RETRATOS A OLEO E A CRAYON

PHOTOGRAPHIA UNIVERSAL

FRANCISCO GOMES MARQUES

N'este novo atelier, recentemente aberto ao respeitavel publico d'esta cidade, opera-se pelo novo processo rapido ao gelatino bromuro, para o qual tem aparelhos verdadeiramente proprios e modernos. Tambem se faz impressão de retratos pelo processo inalteravel a carvão e a saes de prata, garantindo-se a mesma perfeição e nitidez como se fossem tirados no Porto. Tambem se tiram grupos tanto dentro do atelier como ao ar livre para o qual tem quintal proprio para tal fim. Opera-se com todo o tempo, desde as 8 horas ás 5 da tarde. Os retratos não serão pagos não estando á vontade do freguez.

96—RUA DE CAMÕES—96

GUIMARÃES